

Pais e Filhos

PERSONAGENS

PETRÓVITCH

PÁVEL

ARKÁDI

BOZÁROV

PIOTR

FENITCHKA

PROKÓFITCH

MATVEI

SÍTNIKOV

AVDÓTIA

OFICIAL

GOVERNADOR

ODÍNTSOVA

KÁTIA

PLATÓNITCH

TIMOFEITCH

FEDKA

VASSILI

ARICHA

ANFISSUCHKA

MITIUKHA

ALEKSEI

Criados, Criadas, Condutores, Mordomo

ATO 1

CENA 1

Que abra a baixo o PANO, e está PETRÓVITCH, que andando é um pouco coxo, sentado no estribo de um Tarantasse, que está sem a troica à frente, com a perna cruzada, e tem os cabelos brancos, do outro lado PIOTR, que usa um brinco turquesa, e é novo

PETRÓ

Então Piotr, ainda não se vê nada?

PIOTR

Não, não

Meu Senhor, ainda nada.

PETRÓ

Era meu Pai General

(que começa monólogo, o PIOTR aproveita e vai fumar cachimbo à boca de cena, meio escondido, e este nota, mas não se quer chatear)

E não teve que esperar pelo Napoleão chegar

Mais qu'um Inverno, em mil oitocentos e doze.

Pobre de mim, que parti a tibia logo na notícia

E não pude seguir a carreira militar. Licenciei-me

(Pois é esse o caminho quando não o temos)

E agora me vem meu Filho, licenciado igual.

Se Deus quiser, há de m'ajudar aqui no campo

Que tanto já mudou, desde quarenta e oito. Mas,

Não me alongo mais, que este é um Libre en effet

E ainda se zangam, os mais novos por se zangarem

Os mais velhos. Macha do céu, se visses o teu Filho

Como uma vez me viste, seriam todos os olhares

Olhares de Amo. Em vez disso, sou um gordo pombo

A beber dum charco à beira dum poço (o proveito

Faz-me usar da chuva, mas a esperteza esperada

Nunca me fez mergulhar sem ver, que voo)
(há barulho de rodas fora)

PIOTR

Senhor

Parece que vem.

PETRÓ

Arkacha! Arkacha meu Menino!

Entra ARKÁDI, cheio de pó, logo beijado pelo PETRÓVITCH, e o PIOTR sai, às malas

ARKÁ

Deixa-me sacudir Paizinho.

PETRÓ

Não faz mal, anda cá.

Deixa-me ver-te, deixa ver como estás, crescido!

(agarrando-o, tirando-lhe a gola para o ver)

ARKÁ

(embaraçado, tirando-lhe as mãos, manso)

Deixa-me apresentar-t'ó meu bom amigo Bazárov.

Aparece BAZÁROV

PETRÓ

Fico muito contente de nos visitar. E permita-me

Saber o seu nome e patronímico.

BAZÁ

Evguéni Vassíliev.

(baixando a gola, mostra a cara)

PETRÓ

Ah, então em bom Russo é Evguenió Evgue, Evguí
Evguitch aos amigos, Evgutichy aos primos, Evo
À avó, ao meu filho Vassilitch, de dia Vassilitoksy
De noite Vassilita, fica fácil de lembrar, bom dia.

BAZÁ

Espero não abusar da vossa simpatia.

PETRÓ

Espero eu

Não o aborrecer. Como queres Akádia, mando
Atrelar os cavalos, ou quereis descansar?

ARKÁ

Nós,

Descansamos em casa.

PETRÓ

Vamos já, vamos já, ou

Molengão Piotr, não estás a ouvir? Depressa
Anda, meu caro!

Entra PIOTR, pousando as malas, e faz uma vénia ao ARKÁDI

PETRÓ

Vês como eles são agora filho

Já nem nos beijam a mão.

*(o ARKÁDI bebe água que o PETRÓVITCH lhe dá, dum cantil, o BAZÁROV fuma, como se
fazendo de parte por estes dois falarem)*

Como queres tu fazer

A caleche só tem dois lugares.

ARKÁ

Vai no Tarantasse

Por favor não faças cerimónias com ele. Atrela

É um rapaz muito simples, vais ver.

Entra MITIUKHA, chamado pelo PIOTR, com cavalos pelo freio

BAZÁ

Bem? Anda

Mexe-te Barbuças!

PIOTR

Ouviste Mitiukha, Barbuças

É o que tu és.

PETRÓ

Por favor Mitiukha, despacha-te

Eu dou-vos soldo para Vodca!

Entra outro CONDUTOR, ajudando logo, e então outro CONDUTOR mais, ouvindo que ele paga, e rapidamente está tudo pronto, a tarantasse atrelada à caleche, e uma troica à frente, com as malas todas trazidas, e aqui o fundo da cena que já era natureza, vai progredir com a ida e a fala das personagens, o ARKÁDI e o PETRÓVITCH na frente, o BAZÁROV e o PIOTR na de trás, à esquerda, e como se saíssem à direita, vê-se atrás o cenário andar, contrário, e entrando como que as portas da caleche, abrem para dentro, como se conseguíssemos ver sem haver parede, o MITIUKHA chicoteia os cavalos, e as rodas andam, sobre rodas que deixam o objeto no lugar, apesar do esforço

PETRÓ

Ora, finalmente

(tocando-lhe no joelho, no ombro, incomodando-o)

Estás formado e voltas para casa. Finalmente!

ARKÁ

E o Tio como vai? Bem de saúde?

PETRÓ

Sempre bem

Esse queria vir-te esperar, mas mudou de ideias.

ARKÁ

Quanto esperaste?

PETRÓ

Por ti cinco horas.

ARKÁ

Paizinho!

PETRÓ

(recebe um beijo na cara, e o PETRÓVITCH ri-se pelo nariz)

Estás a ver, é só voltar a casa, e a alegria infantil

Fica logo sincera, e renasce. Vais ver o cavalo

Que te arranjei.

ARKÁ

E há quarto para o Bazárov?

PETRÓ

Há; conheceste-o há pouco tempo?

ARKÁ

Há pouco.

PETRÓ

No último Inverno não o vi.

ARKÁ

Vai-se formar Doutor

Sabe tudo das ciências da natureza, vais gostar.

PETRÓ

Ah, Medicina.

(passam no fundo, MUJIKUES, a cavalo, de sentido contrário, e desaparecem, ele levanta-se, e fala à de trás)

Piotr! Aqueles não são os nossos
Mujiques que ali vão?

PIOTR

Têm ar, são eles são Senhor.

PETRÓ

Para onde vão a estas horas? À cidade?

PIOTR

À taberna

(o CONDUTOR chicoteia)

É de crer.

PETRÓ

(ao ARKÁDI agora, senta-se)

Muitos problemas tenho tido com eles.

Não pagam o tributo, que se lhes há de fazer?

ARKÁ

Oh

E esses, os trabalhadores, que lhes tens de pagar

Como é, um salário? Como vão?

PETRÓ

Piores; iguais.

Se lhes pagamos pelo labor, não têm zelo algum

Estragam as alfaías, mas não lavram mal de todo

Até têm cabeça. Agora queres saber destas coisas?

ARKÁ

(passa de fundo, trigo doirado)

A casa não tem sombra de lado nenhum.

PETRÓ

Eu meto

Um toldo, para poderes dormir a sesta.

ARKÁ

Já cheira.

(inspira, de olhos fechados, pela janela)

Julgo eu, ser como a areia quente a beber água

A saudade o coração humano, Pai.

PETRÓ

É evidente

Foi aqui que nasceste. Essas paredes forradas

Que de bom sangue tens, foram de cá tragadas.

Tudo aqui te vai parecer especial.

ARKÁ

Ora Paizinho,

Que diferença faz onde um homem nasceu?

PETRÓ

Vá

Tens de concordar-

ARKÁ

Não, não faz diferenç'alguma.

(há silêncio, meio tenso, como carregado de algo, e o ARKÁDI olha pela janela ao fundo, o PETRÓVITCH, ao chão, para o nosso lado, diagonal, e então o BAZÁROV tosse)

BAZÁROV

(de trás, aparece na abertura alta)

Arkádi.

AKÁDI

(levantando-se num joelho à abertura da sua)

Diz?

BAZÁ

Dá-me fósforo. Queres um Charuto?

AKÁDI

Fumava.

(trocam aqui pela abertura, ele os fósforos o outro um charuto, que lho acende na boca, e o AKÁDI senta-se, a fumar, e o PETRÓVITCH tosse, meio aterrorizado com o que vê, afastando-se, e o ARKÁDI não trava)

PETRÓ

Não me lembro se te mandei dizer Filho

Mas a tua antiga ama, a Egórovna, faleceu.

ARKÁ

Não!

PETRÓ

Vais encontrar grandes mudanças em Marino, é;

ARKÁ

Continuas com o mesmo feitor?

PETRÓ

Agora aqui falo

Em Francês, que é para ninguém de lá nos ouvir.

Aqui vai: decidi não manter os servos libertos

Que fossem antigos criados, ou pelo menos

Em cargos de responsabilidade. Tenh'um agora

Um pequeno burguês, parece ativo. Pago-lhe

Uns duzentos rublos ao ano. Mas além disso,

Devo prevenir-te, pois é o correto, diria eu

Como aparece no Pushkin, o primeiro rebento

Em mim foi o cheiro da primeira noite quente
E em azul de Verão, como a cigarra cantando
E a milheira a sair da copa, este meu sangue
Tomou uma amante, para que venha cá pousar.

ARKÁ

Paizinho!

(rindo-se, brando)

Quem?

PETRÓ

Ó não digas nada meu Filho
Que embaraço, com o teu amigo aqui.

ARKÁ

Oh ele

Ele não diz nada.

PETRÓ

A Fenitchka. Ela vive comigo
Agora, instalei-a lá em casa. Não me culpes,
A tua mãe já lá vai, e não é justo morrer sozinho.

ARKÁ

Paizinho, não precisas de me pedir desculpas.
Até me faz pensar pouco do seu lugar, a cultura
Não me fez maior que o Pai, não me faça superior
Como confessando o que já decidiu.

PETRÓ

(incomodado, baloiçando, procurando com os olhos, aparece lá no fundo uma floresta)

Olha vês

Os nossos bosques.

ARKÁ

Ah é nosso.

PETRÓ

Era, vendi-o.

Precisava do dinheiro, além disso esta terra

Vai ser distribuída pelos Mujiques.

ARKÁ

Os que

Não pagam?

PETRÓ

Faz pen'ó bosque. Verde doirado

Como pinta sempre a melhor hora da tarde,

Onde as cotovias vertem canto, e negrejando

Os melros desaparecem o centeio esbranquiçado.

Sinto-me igual meu Filho. Algo escuro me voa

E passa nas brancas.

AKÁDI

(abraça-o)

Já estamos perto, está quase.

Aparecendo uma casa de madeira ao fundo, pintada de cinzento e coberta de vermelho, e eles como rodando-a, ela desaparecendo há PANO em baixo, e então aparece em cima do PANO a uma sala de móveis antigos, lareira, e vinhos, PROKÓFITCH, que é Criado, pondo a mesa, e os talheres, copos, etc., e então entram os nossos três de antes

BAZÁROV

(deixando-se cair a uma cadeira)

O comer é que vai cair bem

PETRÓ

(bate o pé, não olhando para ele)

Sim sim, sentai-vos

Entra PIOTR, e vendo isso, o PROKÓFITCH, vai ao ARKÁDI quando o PIOTR passa, metendo-se no caminho dele, e beija a mão do ARKÁDI

PROKÓ

Deseja que sirva imediatamente?

PETRÓ

Isso, traga traga.

Mas não deseja ir ao seu quarto, Evgu Vassilito?

BAZÁR

Não, não é preciso, só tenho a mala, e o capote.

PETRÓ

Muito bem Prokófitch, leve o capoto do Senhor.

Sai PROKÓFITCH, pegando com as pontas dos dedos no capote do BAZÁROV, e levando-o frente longe de si, como levando uma coisa podre, olhando para o lado para nem a cheirar, e então entra PÁVEL, muito elegante

ARKÁDI

Tio!

PÁVEL

Anda cá rapaz, dá cá um passoubem à Inglesa

E três beijos à Russa, como noutros países meios

Onde se dá os dois. Bem vindo sejas, bem vindo.

(fazendo o dito, e levanta-se BAZÁROV que despercebido, repara que é o único sentado)

PETRÓVITCH

Este é o Bazárov, amigo.

PÁVEL

(pondo a mão no bolso de novo, sorrindo-lhe leve, logo ao PETRÓ)

E eu cá a pensar de vós
Que já não chegáveis hoje.

AKÁDI

Atrasamo-nos um pouco.
Paizinho, eu já volto.

BAZÁ

Espera que eu vou contigo.

Sai BAZÁROV e ARKÁDI

PÁVEL

Quem é este?

PETRÓ

É um miúdo inteligente, amigo dele.

PÁVEL

Vai ser nosso hóspede? Cabeludo assim?

PETRÓ

Pois sim.

PÁVEL

Deus do céu, e eu a pensar quando olhei teu Filho
Que o tempo já o tinha desemburrecido, e a idade
O tinh' à aduleza trazido, mas não.

PETRÓ

Não, isso não

Ainda não perdeu a leveza.

PÁVEL

Herdou os meus anos

Que sempre tive vinte e nunca me largaram. Veio
Vi logo nos olhos dele, com aquele sopr' aos olhos
Que nos atira o costume às lágrimas, é um moço
Ainda.

PETRÓ

Já me chama de Pai de vez em quando ele.

PÁVEL

Olha que choro. Vai beber mais vinho que nós dois
(Como se beber de todo não nos fizesse notar, e só
O exagero firmasse quem ele é), mas mais m' enfada
O amigo, que vê-se logo ser muito parvo.

PETRÓ

Chega vá

Vêm aí. Tenta fingir um pouco ao jantar, por favor.
Há tanto tempo longe de casa.

PÁVEL

Onde cai o gelo frouxo?

Serei a ele como a qualquer, que se sol nos houver
E for Inverno cá dentro, sabemos logo quando nasce
Uma mentira dissolvida.

PETRÓ

Qu'a manhã só a Deus seja.

*Que haja PANO, indo-se sentar estes, com o PROKÓFITCH, com uma malga de sopa, a distribuir,
e então abre a baixo o PANO, com o BAZÁROV e o ARKÁDI, em roupas de dormir, o primeiro
acendendo-lhe o cachimbo*

BAZÁ

É um bocado esquisito, este teu Tio.

ARKÁDI

Tu não sabes

Mas no tempo dele era um garanhão
(*trocam de boca o cachimbo*)

punha todas

As cabeças a rodar.

BAZÁ

É um velho, uma coisa passada.

O jeito dele (não só das unhas longas, mas o queixo

A opal na manga), é tudo opulência, e jeito antigo.

Mas não te preocupes, ele aborrece-me julgo eu

Porquanto o admiro.

(*silêncio*)

Mas o teu Pai é excelente.

Lê poesia em vão (que serviria tanto mais prosa

Que custa menos de ler e fazer, ou assim mo sei

Que também os gregos escreviam com'os bois

Bustrofédon, e talvez isso ajudasse sim mais

A um agricultor).

ARKÁDI

O meu Pai é um homem raro.

BAZÁ

Reparaste como ele é tímido?

ARKÁDI

(*encolhendo os ombros*)

E eu não?

BAZÁ

Digo

Em comparação com o teu Tio. Estes velhos

Românticos. No quarto tenho lavatório inglês

Mas a porta não tranca. É de louvar progresso.

ARKÁDI

(acaba o cachimbo)

E tud'acaba envolto, em auroras por romper.

BAZÁ

Que é isso?

ARKÁDI

Pushkin. Havias de ler.

BAZÁ

Ler nada dá

E além do que preciso para o curso, para quê.

Sai BAZÁROV, e o ARKÁDI suspira, e sai, para lado oposto, e abre a cima o PANO, ao PETRÓVITCH, vendo a lareira, aonde atira papel, que rasga de um livro, e então aparece o PÁVEL

PÁVEL

Ainda acordado?

PETRÓ

Estou a ver a poesia arder.

Quanta eternidade se pode carvão fazer

Não seria de crer, qu'algo morrendo Irmão

Poderia passar por tanto perder.

PÁVEL

A mim igual

Não me deixo dormir. Sinto que sem se ver

Se deitou a um fogo um lixo, e nas flamejas

(Como quando a tarde incendeia as casas

Nas janelas, e depois as poupa), luz antiga

É agor'azul.

PETRÓ

A Fentichka já dorme.

PÁVEL

E a criança?

PETRÓ

Em mim? Chama-se doença, e nunc'adormece.

Que haja PANO, em cima, o PETRÓ virando-se arregalado para o PÁVEL, ouvindo-se estalar, morrendo os papéis na lareira

CENA 2

Entra a baixo BAZÁROV e dois CRIADOS, um moço

CRIADO1

Mas para que quer as rãs Senhor?

BAZÁ

Já dei

Três voltas a este lugarzinho sem graça
E só encontrei um caramanchão de lilases
Que parece terra onde nada cresce. Igual,
Ouvide vós dois, se faz nos homens, má
Sendo a terra, crescem só por sorte.

CRIADO1

E daí

P'ra qu'as quer.

BAZÁ

P'r'às abrir por dentro e ver
Como são os homens.

CRIADO2

Nós somos como rãs?

BAZÁ

Dando uma candeia acesa, já eu andei a vida
E disse-lhe, encontra-me gente, e voltou nada.
Por isso não quero galinhas, quero-me rãs.

CRIADO2

Tenho medo delas.

BAZÁ

Mas és moço achega-lhes
Que são com'ós mosquitos, reagem à sombra
E tu fazes pouco. Oupa, às rias.

Saem TODOS, e entra o PETRÓ e o ARKÁ falando, a aparece-lhes o PROKÓ

PROKÓ

A Senhora
Fedócia Nikoláevnavskythocsky meu Senhor
Não se sente bem, não pode vir servir o chá.

PETRÓ

Oh, por amor de Deus, não há problem'algum
Gostas do chá como filho, com nata ou limão?

Sai PROKÓ despedindo-se

ARKÁDI

A tua franqueza de ontem, Paizinho, perdoa-me
Mas proposita-me a ser-te igual.

PETRÓ

Que foi, que foi?

ARKÁDI

Não será por eu estar cá, que a minha saúde vinda
Lhe dá a doença, e a Fenitchka não me quer ver?

PETRÓ

Talvez, suponho, tenha vergonha.

ARKÁDI

Mas ter vergonha
De quê? Filho julgando a prodigalidade no seu Pai?

Não são Filhos Amantes, eu não tenho ciúme dela
Nem o Pai tomou mulher como um capricho fácil
Uma paixão irrefletida, pois não?

PETRÓ

Não, não, mas

Ouve-me-

ARKÁDI

Eu mesmo vou ter com ela.

PETRÓ

Espera!

Sai ARKÁDI, o PETRÓ chamando por ele

PETRÓ

Santo Nicolau, não preciso de Seus presentes
O meu coração o meu filho bate, por fazer
O meu amor a ele visto, e até me faz tonto
Palpitando-m'o rosto, com corar de sangue
Como s'uma grande pálpebra de alívio falso
Arkádi a boa intenção se sugerisse, e não
Por bem quisesse (há boa ação nisso, e tenta
Mais que eu, por esta família) mas de repente
Abusa na confiança, e como da adolescência
Renasce de novo a mim, de nenhuma diferença.
E se copiando sinos estas costas dobrássemos
E os mortos à terra cantássemos, Macha Viúva
Seria dos meus pecados.

Entra ARKÁDI

ARKÁDI

Já nos conhecemos.

Pai. E porque não me disse qu'eu tinha Irmão?

PETRÓ

Ó meu Filho, dá-me um abraço. Falar de tudo,
Quando só a inocência é simples, é complicado.

ARKÁDI

Ela realmente está mal.

PETRÓ

Está?

Entra PÁVEL

PÁVEL

Estais aos abraços

Outra vez?

PETRÓ

Antes do pequeno-almoço caem bem

PÁVEL

E depois melhor. Onde anda o teu novo amigo?

ARKÁ

Ele desaparece e aparece, é como aqueles raros
Que os levamos num passeio pela cidade, e vão
Sempr' à frente de toda a gente, e não se cansam.

PÁVEL

Ele é como, Bazárov? Nikolai, na divisão do Pai
Não havia um médico.

PETRÓ

(surpreendido, de recoleção)

É bem capaz.

PÁVEL

Parece-me.

Mas diz-me Sobrinho, que é o Bazárov?

ARKÁ

Tio,

Que pergunta a se fazer de uma pessoa.

PÁVEL

Quê

Merece aquilo um como?

ARKÁ

É só um niilista.

PÁVEL

Nihil é explicar-me muito pouco, sobrinho.

ARKÁ

Mas é o que ele é; são tudo espelhos e nada
Fantasmas e poucos, p'ra um homem daqueles;
Sabe muito, e isso faz pouco de tudo, e pior
Por cima sabe ser inteligente, e capaz de mais.

PÁVEL

Diz antes que não respeita coisa nenhuma.

ARKÁ

Oh;

E é o Tio, o lavrador dos orgulhos?

PÁVEL

Mas taxo-o

S'ele me faltar ao respeito.

ARKÁ

E alguma vez faltou?

PÁVEL

Russo é língua de Princípios, a nossa Geração
Não é com'à vossa. Vous avez changé tout cela;
Ou: Lik'a mother breaking ground, so Time
Kills to seed, and yellow wheat blood-brown
One stem, one down. Isto sim são niilismos
Que a poesia deixa, esse, é só um rapaz.
Mas melhor isso que, Hegelianistas e outros
Que da Alemanha se vão levantando, nem digo.
Que te viss'enchido dessas coisas de faculdade
Praguejava o teu Pai até ao outro mundo.
Nem t'olhava. Agora, vamos beber é cacau.

Saem a cima TODOS, onde está o chá preparado, com limão nata café etc., e sentando-se, aparece FENITCHKA, que dá o chocolate ao PÁVEL, muito branca corando, e sai, havendo alguns olhares significantes entre o pai e o filho enquanto o tio bebe, e aparece BAZÁROV a baixo, salpicado de lama e com uma rã na mão, que grasnando alto apertada, os faz saltar, e então fala a cima, e eles respondem, sem se levantar

BAZÁROV

Bom dia meus Senhores.

PETRÓ

(o PÁVEL encolhe os ombros, farto, quando o PETRÓ olha para ele, como pedindo amizade)

Que traz, sanguessugas?

PÁVEL

Precisava de uma sangria ele.

BAZÁROV

São para dissecar.

Eu já me junto a vós.

Sai BAZÁROV

PÁVEL

P'ra quem só acredit' em ar,
Rapaz adora ver o que as coisas têm por dentro.

ARKÁ

Um dia niilista não vai querer dizer nada, Tio.

PÁVEL

Pois não, vão nascer outras silvas entre o centeio
E gente como nós, vai ter de lutá-las pela nação.

ARKÁ

Ou a nação lutar-vos por si.

PÁVEL

E acreditas nisso?

(fitando-se ambos)

Entra PROKÓ com as torradas e a manteiga

PETRÓ

Vá vá, chegou a torrada, deixai-me barrar-vos
Que faço com' à mãe ao moço, tiro a casca
E comi vós o miolo, não gosto de camarão.

(dá-lhes pão barrado, e eles lá comem, que ele se levanta para servir ele mesmo o chá, e mete o corpo à frente deles, e eles desistem)

Entra BAZÁROV, e vai sentar-se, sujo algo, e vai sentar-se

PÉTRO

Foi muito longe?

BAZÁROV

A uns pântanos que são seus.

PÁVEL

Alguma gente é com'ós pântanos também,
Que se se quiser conhecer temos de nos sujar.

BAZÁROV

Pois, para se ser cientista é preciso ser assim.

PÁVEL

Os cientistas russos são bons?

BAZÁROV

Nem por isso.

(dá um bocejo forçado, espreguiçando-se, o PETRÓ olha para o ARKÁ, que desvia o olhar)

PÁVEL

A grande questão é se podemos ser Russos
Ou teremos de ser Alemães. O meu Irmão,
Muito gosta, do Schiller, do Goethe, mas
Agora não é a mesma coisa. Apareceram
Uns Materialistas.

BAZÁROV

Um bom cientista Senhor
É vinte poetas desses.

PETRÓ

Sou traído na minha paz.
Então diz que não dá valor à arte?

BAZÁROV

Ao dinheiro

Eu dou.

PETRÓ

Então um dia dá-me uns conselhos
De agricultura.

BAZÁRO

Primeiro vem o abcedário
Depois o livro.

PÁVEL

(levanta-se, bebendo o chá dum estalo)

Pois como será que veem
As árvores as plantas? Há de ser assim;
Fogo interno na natureza inteira, que nós
Em cinco anos de campo vemos o mundo
Vindo todo mudado, e tudo recém-formados.
Que fazer, são tão mais inteligentes que nós
Que há de ser com'á diferença dessas alturas.
Vou ver o fiador, que ele chama por mim.

Sai PÁVEL, e o PETRÓVITCH sai atrás dele

BAZÁ

El' é sempre assim?

ARKÁ

Qual deles? Ofendeste-os
E conseguiste ofender aos dois, que tem arte.
Tu não te ouves? Tratas tudo com rudeza
Claro que as pessoas se ofendem contigo;
Aliás, admira-me ninguém te pedir duelo

BAZÁ

Tu sabes de que m'acusam, quando dizem
Materialista.

ARKÁ

E não és? Que venha essa conversa
No próximo Inverno, e cubra estes descobrires
Já uma camada de neve, se souberem o que lêes
(Aliás não lêes, mas te cai nesses poros cabeçudos)
Aí estamos acabados. Prometi-te contar do Tio
Então agora calas-te pelo que falaste e ouves-me.
Que este meu Tio merece a tua vergonha, Bazárov
E que lhe fales com menos brio, e mais cuidado
E não a contragosto, e entrecotado, como se fosses
Ao próprio rio a margem, um morro d'areia a nau.
(que o BAZÁROV ia barrar um pão ele tira-lho)
Desde miúdo, que é com'a libelinha o meu Tio.
Um pouco trocista das leis do movimento animal
Capaz de tudo, voraz e veloz, alegre em ser bélico
E bilioso (e cheio da graça que isso nos traz);
Um pouco oposto ao meu Pai, que é mais Camão.
(Pelo que meio tosco tom'à mão, com'embaraçado
De ter feito igual aos outros), mas o que não sabes
É que o meu Tio foi amante de uma Princesa nossa.
Frívola, Coquete, de marido estúpido e distinto
Como o Cuco, e ela o Pavão, à noite nos salmos
De dia nos moços, que chamava à sala de estar
E se ria muito com eles. Apaixonou-se a dançar
E nem como Deus são os homens (capazes de tudo
Mas depois do começo abandonantes), se deixou
E a paixão dele continuou. Tanto que ela lhe fugiu
E ele foi atrás dela, pela Europa, encontrando-a
Sendo vítima de desdéns raros e caras perplexas
Com'um familiar que vem de fevereir'a fevereiro.
E então um dia deu-lhe um anel, com uma esfinge
E ela perguntou que é isto, e ele, o que mais quero

Que a mim me é uma pergunta, mais que amor.
Voltou, rejeitado pela declaração, e veio a saber
Que ela tinha falecido, recebendo numa carta
O anel com uma cruz desenhada, dizendo-lhe
Que morreu maluca em Paris a Senhora, e a cruz
Era a resposta. Por isso tu vê, este homem grande
Novo janota, velho mais bonito que tu, e que dá
Quando o meu Pai lhe pede, não te merece assim.

BAZÁR

Ganha ele valor por quem amou?

ARKÁ

Tu quando fores

Vais poder dizer o quê?

BAZÁ

Que morri pelo saber.

ARKÁ

E ele

Estava disposto a dizer de si, morrerei pelo amor.

BAZÁ

Que coisa ridícula, morrer por amor.

ARKÁ

Mas Bazárov!

Agora eu é que não te permito. Fazer de tudo pouco

Eu entendo, mas se não é Amor e Morte disto feito

Então que te resta para dizeres, da vida?

BAZÁ

Mas achas tu

Arkádi, que Pais idosos no túmulo dum filho, chorar

Lágrimas chorarão, sabendo se morreu de Amores
Ou de Mortes? Se a nata é má, que dizer do leite?
O teu Tio não foi homem, foi sexo. Desceu fundo
Até ao ponto de não ser mais nada. Di-lo infeliz
Pois bem, que segredos enigmáticos terá uma cama?
Os fios do lençol? Saber de cor de coração se diz
E sei todas as veias. Uma almofada, trincar eu sei
Em cada dente uma mnemónica, implorar eu sei
Que já passei a anatomia, e agora já não custa nada.
Eu leio um livro, e sei os olhos, de dentro e fora.
Que me dirá a tua família, do mistério dum olhar
Que eu não saiba já?

ARKÁ

São tudo disparates?

BAZÁ

Não;

São literatura, vendem livros. Dá tabaco, isso.

(abanando a cabeça o ARKÁDI, derrotado, ele puxa por ele)

Chega cá, que eu enrolo-t'um, e tu m'acendes.

Que haja PANO, o BAZÁROV enchendo-lhe a chávena de chá